

Beatrix dos Reis Carvalho

Sob a luz
de
um novo sol

POEMAS



Livraria José Olympio Editora

869 1
C 331 A
xc 2

DA AUTORA :

— MANHÃS — VERSOS

— HORA AZUL — VERSOS

— ETERNA PRESENÇA — VERSOS

(Premio Olavo Bilac, da Academia Brasileira — 1948)

— ROSAS VERMELHAS

(Coleção Poesia Viva — 1949)

Beatrix dos Reis Carvalho

do P. E .N. Clube

Sob a luz
de
um novo sol

POEMAS



1950

LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA
OUVIDOR, 110, RIO — GUSMÕES, 104, S PAULO

*Vous surtout que je plains si vous n'êtes chéries,
Vous surtout qui souffrez, je vous prends pour mes soeurs:
C'est a vous qu'elles vont mes lentes rêveries,
Et des mes pleurs chantés les amères douceurs.*

.....

*Chantez ! un chant de femme attendrit la souffrance.
Aimez ! plus que l'amour la Haine fait souffrir.
Donnez ! la charité relève l'espérance :
Tant que l'on peut donner on ne peut pas mourir !*

.....

*Pour livrer sa pensée au vent de la parole,
S'il faut avoir perdu quelque peu la raison,
Qui donne son secret est plus tendre que folle :
Méprise-t-on l'oiseau qui répand sa chanson ?*

Marceline Desbordes-Valmore

"C'est toi qui dors dans l'ombre, ô sacré souvenir"

VICTOR HUGO

PAPAI

13 — XI — 46

13 — XI — 48

*Dois anos já! Dois anos! Quem diria!
Há dois anos, Papai, que foste embora.
E a saudade, crescendo cada dia
nunca doeu tão fundo como agora!*

*Nunca doeu tão fundo e, no entretanto
dôa, que importa? A sua dôr bendigo.
Que se a saudade hoje me punge tanto,
é através dela que inda estou contigo.*

*Ela que fiel, sobrepujando a morte,
e o esquecimento que da morte vêm,
guarda em meu peito, cada vez mais forte,
tua lembrança: meu farol, meu norte,
meu escudo também!*

*Dois anos que partiste! O tempo corre
leva tudo com êle indiferente...
E quando alguém que nós amamos morre,
é a saudade piedosa quem acorre
e o faz viver no coração da gente...*

.....

*Se me vês de onde estás, se o meu carinho
é sentido por tí, recebe-o então:
que nem o tempo, a ausência, o borborinho
Papai, nem a amargura dêste espinho
que é a certeza de esperar-te em vão,
conseguem no seu louco rodamoinho
mudar meu coração...*

Sob a luz de um novo sol

*Para as vidas que seguem separadas
e que caminham sós pelas estradas,
a noite é uma promessa de arrebol.
Que importa o pranto, a angustia, o dissabor?
Tudo há de submergir ante o esplendor
da luz de um novo sol!*

MÊS DE MAIO

*Maio, mês de Maria! O pensamento
dócil e fiel recúa anos atrás.*

*E recompõe num rápido momento
êsse passado de amargura isento,
que o tempo não desfaz.*

*Lembro-me tanto, tanto! A capelinha
clara, cheia de flores e de velas,
tôdas acesas, aos meus olhos tinha
encanto singular. Calmas e belas
as imagens sorriam sôbre o altar.*

*E nós, meninas tôdas, lado a lado,
penetrávamos simples, sem cuidado,
o recinto sagrado,
aonde o insenso punha nuvens no ar.*

*Sob o uniforme branco e os véus compridos
éramos, nêsse tempo, uma alma só.
Brancos os pensamentos e os vestidos,
olhos e corações, ambos erguidos,
não roçavam o pó.*

*Ai, a alegria suave, o suave encanto
dessas horas iguais!
Muitas vêzes chorava-se. No entanto,
era efêmero o pranto...
Hoje a gente não chora... Sofre mais...*

*Foi ontem! Perto ainda e tão distante!
A aurora se fez dia.
E a menina que fui, crente, ignorante,
cheia de sonhos, coração amante,
ainda eu a vejo de joelhos, diante
da imagem de Maria.*

*Hoje a recordação dêsse passado
tomou conta de mim...
Penetrou-me profundo e perfumado
como, às vezes, num quarto bem fechado,
um gesto descuidado
deixa sem trinco uma janela e, assim,
por essa fresta, imperceptível quasi
penetra aos poucos, triunfal e suave,
todo o perfume esparso no jardim!*

M Ê D O

*Não busquei êste amor. Que eu bem sabia
o mal que o amor nos faz.
Resignei-me a viver sem alegria,
uma vida vazia,
mas em paz.*

*O coração medroso, acovardado,
recordando os maus tratos que sofreu,
pulsava sem arroubos a meu lado,
quando te conheceu.*

*Por que tiveste para êle, então,
palavras de carinho?
Despertaste, de novo, um coração,
dando-lhe ainda a efêmera ilusão
de não bater sòzinho.*

*Nem sabes todo o mal que lhe fizeste!
Tantos anos perdidos num momento.
A crença que lhe deste
irá por terra como a fôlha ao vento.*

*Tu mesmo que me falas de ventura,
que me falas de amor,
que sabes, sim, de afeto e de ternura?
Felicidade é bem que pouco dura,
mas o que vêm e fica sempre é a dor...*

*A dor inexplicável mas latente,
que o tempo não apaga, não conforta
e que nos faz, assim, de alma descrente,
fugir de tôda a gente,
fugir do amor quando nos bate à porta!*

O ENCANTO DA SERRA

*Só. E tendo como único roteiro
a sede de amplidão.
O silêncio em redor por companheiro,
o céu lá em cima, sob os pés o chão.*

*E caminhar sentindo a cada passo
o barulho de terra triturada;
e a folhagem que toca o nosso braço
vergar feliz ao som da passarada.*

*Distinguir de-repente a voz tranquila
de uma fonte qualquer, clara e sonora,
encontrá-la depois, depois seguí-la
embrenhando-se, tonta, mata a fóra.*

*Aspirar livremente
todo o aroma da serra que desperta.
E a alma enevoadada, abrí-la de-repente,
e, sem temor, ao sol, deixá-la aberta!*

*Ao sol que pouco a pouco abriu caminho
através da neblina espessa e fria,
que começou tenuíssimo carinho
e agora em toda a pompa se anuncia.*

*E do alto da montanha inda orvalhada,
ante a névoa que aos poucos se desfaz
fitar, de alma serena e deslumbrada,
todo o caminho que ficou atrás.*

O vale, o lago, a ponte, o casario,
a igreja branca, o sino que se agita;
e entre pedras, lá longe, o verde rio,
um pedaço de fita
sôlto sôbre a paisagem. Tudo quieto.
A natureza límpida e louçã.
Tem-se a impressão que, sob cada teto,
uma alegria acorda esta manhã. . .

E seguir sempre. Livre, desprendida,
sem saber onde o atalho nos conduz,
sentindo em tudo palpitar a vida
sob o afago da luz!

ROSAS VERMELHAS .

"Rosas vermelhas, a gente
só dá à mulher amada. . ."
Se te sou indiferente,
porque me déste, fremente
aquela rosa encarnada?

SÓ NÓS DOIS

*Fechar os olhos . . . Ter a sensação
de que é suave o caminho que trilhamos,
que é de flores o chão
e ameno o abrigo sob os verdes ramos.*

*Pensar que nada existe
que nos possa ferir ou separar.
Que coisa alguma te fará mais triste
nem me fará chorar.*

*Sentir a alma tranquila, transbordando
de uma felicidade sem temor,
convencida que nada falta, quando
é verdadeiro o amor.*

.....
*Pobre quiméra! Fantasia cruel
que o coração tortura!
E éle ainda resiste e, ainda fiel,
tem arroubos de sonho e de ternura.*

*Existem pelo mundo muitas vidas
bem diversas de nós:
— aos olhos aparecem tão unidas
e seguem sós.*

*Conosco é diferente:
vamos sòzinhos entre a multidão.
E ninguém sabe, ninguém nota ou sente
que essa distância é apenas aparente
— que o meu e o teu são hoje um coração.*

N'UM ALBUM DE RECORDAÇÕES

Regina :

*Ser moça e bela
são dois tesouros sem par.
Rica, portanto, é aquela
que além de ser moça e bela,
é meiga e sabe encantar.*

*Tu que és jovem e bonita
que qualquer laço de fita
ganha se acaso te enfeita,
tem cuidado que a beleza
sem a doçura é realeza
que a ninguém prende e sujeita.*

*Sê bôa e simples : procura
que andem sempre de mãos dadas
a beleza — que não dura —
e a alma — escrínio de ternura —
ambas juntas, irmanadas.*

*A beleza sem bondade
é como a flor sem perfume.
Sabes? A felicidade
em tão pouco se resume . . .*

*Faze de tanta beleza
moldura do coração.
E nele põe tal riqueza,
que por onde tu passares
cantem pássaros nos ares,
e brotem flores no chão.*

*E na vida que começa
abre ao amor que vem perto
na mais radiosa promessa
não um terreno deserto,
mas um jardim florescente
onde o sol dardeje ardente.*

*Vai tranquila. Aceita a vida
seja essa vida qual for.
Nem sempre a estrada é florida,
mas nada abate e intimida
a alma fortalecida
pela doçura do amor.*

SONHO AO LUAR

*Guardo nos olhos a lembrança linda
de uma noite de abril, clara na serra.
Noite! Não era muito tarde ainda...
O luar branqueava a terra...*

*Sôbre a ponte, curvados sôbre o rio,
olhávamos rolar a água cantante.
Junto de nós tudo era quieto e frio...
Foi ontem... e como ontem vai distante!*

*Ficamos longo tempo lado a lado,
tranquilos, sem falar,
como se o sonho, apenas esboçado,
ao som da voz se desmanchasse no ar.*

*A minha mão, vestida pela lua,
repousava na pedra branca e nua,
num total e suavíssimo abandono . . .
Partirias em breve e essa certeza
punha no teu olhar tanta tristeza
que tive pena. Os corações no outono
devem sofrer assim, tal como o teu.*

*Perdôa se passei no teu caminho,
se por mim teu afeto floresceu.
Foi o luar que entontece como vinho . . .
Foi o luar, não fui eu.*

*Não nos veremos nunca mais é certo.
Talvez, quem sabe? para o nosso bem.
E êsse amor que de nós passou tão perto,
hás de esquecê-lo . . . esquecerei também.*

*E se uma vez, finda ilusão tamanha,
voltares por aqui,
revendo o rio, o luar sôbre a montanha,
hás de sentir, numa saudade estranha,
minha lembrança procurar por ti.*

A TERRIVEL CERTEZA

*Teu amor que me procura
sinto-o de longe chegar,
mas já me pesa a tortura
de saber que êle não dura:
há de vir... há de passar...*

À TUA ESPERA

*Já não vens mais. Não vens, tenho a certeza.
Qualquer cousa me diz no coração.
E aos poucos se me envolve tal tristeza...
— saudade de sentir minha mão preza
dentro da tua mão.*

*A paisagem feérica inda agora,
escureceu aos poucos, devagar,
alongando a beleza azul desta hora,
dando-te, assim, mais tempo de chegar.*

*Meus olhos te buscaram na distância,
pela beira da praia, pela rua.
Dentro em minha alma que alvoroço, que ânsia!
Que existirá na tua?*

*Não vens, eu sei. Não vens e espero ainda.
Que motivo te faz agir assim?
A noite que lá fora esplende linda
até parece que se ri de mim.*

*Zomba, talvez, dessa ternura mansa
que os teus caprichos sem rancor suporta,
e sem ira, sem queixa, sem vingança,
tem sempre uma palavra de esperança
quando bates, cansado, à minha porta.*

*E' que ninguém supõe nem advinha,
vendo-me assim ficar, tranquila a face,
que êsse amor que me fere e me espezinha
faria bem mais negra a vida minha
se me faltasse . . .*

DOCE PENITÊNCIA

*“Não me procures mais!” Tive coragem
de falar-te assim.*

*Indiferente ao encanto da paisagem,
usei do ferro frio da linguagem
que, te ferindo, feriu mais a mim.*

*“Não me procures mais!” Ah! Como pude
mentir dessa maneira!*

*Ter força para ser violenta e rude
esconder-te este amor que não me ilude,
pisá-lo como piso a erva rasteira.*

*"Não me procures mais!" E não morri
diante da frase cruel que nos trucidá.
Muito menos que em mim, pensei em ti.
Perdôa, meu amor se te menti...
Perdôa e esquece que te sou querida...*

*"Não me procures mais!" . Se um dia fores
onde o teu coração me conheceu,
talvez leves contigo outros amores,
haverá nos caminhos novas flores,
tudo terá mudado, menos eu.*

*"Não me procures mais!" Possa eu sòzinha
carregar esta cruz sempre comigo.
Pela felicidade que foi minha,
inda é pequena a dor que me espezinha,
inda é suave o castigo.*

CIÚME

*Ciúme é fel que envenena,
é palavra que condena
é cruz, é calvário, é dor.
Bendita seja, no entanto,
a mágua que amarga tanto,
se o ciúme é prova de amor*

CANTARES

*Não queiras que a água da fonte,
que brota humilde no monte
tenha o rugido do mar . . .*

*Ambos cantam, na verdade,
e está na diversidade
o encanto do seu cantar .*

*A fonte corre serena
por entre a verdura amena
da folhagem que a rodeia;
enquanto que o mar revólto,
nada o detém: vive sôlto
no seu reinado de areia.*

*Sou a fonte mansa e quieta,
minha canção é discreta
minha amargura não grita;
mas se a tona dágua é clara,
olha no fundo, repara,
vê que tristeza infinita . . .*

*Não reclames o meu canto,
é minha forma de pranto
eu só sei chorar assim .*

*Fonte nasci: vida afóra,
deslizarei como agora,
não peças demais de mim .*

*Que outras vozes cantem alto,
como as ondas que num salto
têm o fragor do trovão.*

*Nelas há força e beleza,
há magestade e riqueza . . .*

Nasceram assim, eu não . . .

*Cumpro apenas meu destino :
se é sem fulgor, pequenino,
não faz mal, foi Deus quem deu . . .
Sou feliz de quando em quando :
posso cantar consolando
quem é mais triste do que eu .*

RESIGNAÇÃO

*Perdôa ao meu coração
ter uma história também :
Mas tudo foi sonho vão,
ninguém o teve, ninguém .*

*Que importam sonhos que vêm ?
Que importam sonhos que vão ?
Sei que hoje te quero bem .
E tu ? me queres ou não ?*

*Não me respondas, prefiro.
Minha pergunta retiro,
esquece até que eu a fiz.*

*Aceito o que tu me deres:
tudo ou nada — o que quizeres,
mas que te faça feliz...*

UM SONHO APENAS

*“Aquele que hei de amar, serena e calma,
será bom, será belo, grande e forte.
A ele entregarei, simples, minha alma
fiel até a morte.*

*Em sua vida entrarei senhora e dona,
triunfal e sòzinha.
E em troca dêsse amor que se abandona,
ele, por certo, me fará rainha.”*

*Era assim que eu pensava. Que loucura!
Foi tudo diferente. Tu chegaste.
Meu coração pesado de ternura,
vergava como flor aberta na haste
frágil demais para sustê-la.
E então,
sorrindo à minha estrela,
dei-te, confiante, inteiro, o coração.*

*Para que, santo Deus?! Fui bem punida.
Ante o meu gesto audaz
foi-me impiedosa a vida.
Passaste sem me ver, deixando atrás
alguém mais triste, tímida e sòzinha.*

*E eu que fizera de tua vida a minha,
atônita lá estava
sentindo que a ambição de ser rainha
fôra apenas o sonho de uma escrava...*

JURAMENTO

*Penso às vezes que me queres,
que em meu amor te prendi;
mas eu sei que outras mulheres
morrem de amores por ti.*

*E tenho medo, perdôa.
São mais ricas e mais belas.
E choro sem causa, a tôa...
Se me deixasses por elas?*

*Talvez me deixes, quem sabe,
mais breve do que suponho.
Bendita a vida onde cabe
um pedacinho de sonho.*

*Pode o destino mesquinho
separar-nos de uma vez.
Outro amor, outro carinho,
podem prender-te, talvez...*

*Mas a saudade essa eu juro
há de ficar até o fim,
pairando no teu futuro
como o luar sôbre o jardim.*

*A saudade que não mata,
que é lenitivo e conforto,
e os corações não desata
quando o passado está morto.*

PORQUÊ

*Porque tu e não outro?! Não há lei
que nos diga o porque do que fascina.
Defini-lo não sei.
Recordo apenas tudo o que sonhei
nos meus sonhos tranquilos de menina.*

*Talvês, quem sabe? as ilusões perdidas,
que boiam tristes no teu triste olhar,
assemelhando assim as nossas vidas
que entre tantas rolavam confundidas,
como fôlhas pelo ar.*

*Como dois galhos de árvores, que crescem
longe um do outro e, ao golpe do tufão,
vergam a ramaria e estremecem
de se verem unidos sôbre o chão,*

*e ao sôpro que castiga, ao vento forte
tão diferente de sutil aragem,
confundem a folhagem
e esperam juntos pela mesma sorte,*

*nós dois nos encontramos. O tufão
deitou por terra tudo o que sonhara
— o meu, o teu, o nosso coração. . .
E enquanto — que loucura e cousa rara! —
mais unidos ainda eles estão
a vida, sem piedade, nos separa. . .*

FERRETE

*Não é perder um amor
o que nos faz infeliz.
A dor dói. . . mas passa a dor,
enquanto que a cicatriz
lembrando o bem que se quis
vai sempre onde a gente fôr.*

NOSSOS DESTINOS

*Antes fôsse mentira e eu não sentisse
tudo o que alegre o teu olhar me diz.
Penso às vezes, que é sonho, que é tolice,
atribúo a outra coisa essa meiguice
com que me envolves, com que sou feliz.*

*Ai! inclemência da fatalidade
que aproxima dois seres sem pensar.
E quando o amor os corações invade
ela intervém — com que brutalidade! —
para impiedosa e fria os separar*

*Antes eu ignorasse e sobretudo
não digas nunca que me tens amor.
Enquanto não falares eu me iludo.
O teu silêncio é a fôrça onde me escudo,
não a retires nunca, por favor!*

*Contra tudo eu lutára: contra a sorte
que tamanha armadilha nos armou;
contra as vozes do mundo, contra a morte,
contra tudo eu lutára, tal qual sou.*

*Mas se visse os teus olhos enevoados,
com uma sombra levíssima siquer,
juro que a alma desfeita em mil bocados
vencida se entregára. Sou mulher.*

*Perdôa-me a fraqueza, sim, perdôa.
Nem te devêra confessar tal cousa.
Mas é que a vida às vezes atordôa
e a gente fala o que pensar nem ousa.*

*Seguirei meu caminho e o teu caminho
tranquilo seguirás, ambos passando
pela existência em busca de carinho,
miragem a luzir de quando em quando.*

*Hás de seguir mas não irás sozinho
— quem é feliz caminha sempre em bando . . .
A mim há de levar-me o rodamoinho
e êle, só êle, me há de ver chorando . . .*

P E R G U N T A V Ã

*Chegou, tomou-me do braço,
falou-me com tal meiguice . . .
Adeus tristeza e cansaço:
tudo se foi pelo espaço
nas frases que êle me disse . . .*

*Ái! Com que juro se paga
uma gôta de alegria!
O tempo nem tudo apaga.
Quem há de curar-me a chaga
daquele amor que mentia?*

RENÚNCIA

*Pronto! Não sofras mais. Vamos, esquece
as lutas do passado...*

As tuas mãos nas minhas mãos aquece:

— aqui estou a teu lado.

Não fales. Para que?! Compreendo tudo.

*Pode o teu lábio conservar-se mudo,
porque o silêncio já falou por ti.*

Deixa dormir êsse passado escuro.

E pensa no futuro

que através dos meus olhos te sorri.

*Nada quero senão que ao pé de mim
possas tranquilamente repousar,
na certeza que é teu o meu carinho
e que êle vive assim,
imperceptível a qualquer olhar,
mas fiel em teu caminho.*

*Quando passar a dôr que te devora
e do golpe de agora
restar, apenas, leve cicatriz,
podes deixar-me sem constrangimento.
Varre escrúpulos vãos do pensamento.
Nada me deves. Parte, sê feliz...*

Nada sou, nada tenho e nada valho.

Quero dar-te sem nada receber...

*Em tua vida serei como a gota de orvalho,
que deslisa sutil sôbre a aridez do galho
e discreta se esvai à luz do amanhecer!...*

PARADOXO

*És orgulhoso, eu também.
Nenhum cede: é natural.
Penso às vezes: querer bem
é forma de querer mal.*

AMANHÃ

*Outras, eu sei, virão bater-te á porta,
trazendo mais beleza, mais fulgor;
e o meu carinho que hoje te conforta,
has de empurrá-lo como fôlha morta
e trocar por amores este amor.*

*Pelas estradas que nós dois passamos,
outras hão de passar pelo teu braço...
A mesma festa existirá nos ramos,
que deram sombra ás juras que trocamos
e a mesma luz há de brilhar no espaço.*

*Nada será diverso no cenário
tão caro e familiar para nós dois,
que ontem foi meu Tabor, amanhã meu Calvário,
onde os dias desfiei como um rosário
que começa na cruz e inda a cruz vem depois.*

*Outros ouvidos, não os meus, de certo,
hão de te ouvir a voz que hoje me embala.
E o meu coração, triste e deserto,
sentindo-te tão longe e inda tão perto,
há de chorar ao recordar-te a fala...*

*Há de chorar, chorar, perdidamente,
não a tua mudança e ingratidão,
mas a própria fraqueza — êste amor impotente —
que sendo tanto para tanta gente,
nada, foi, afinal, para o teu coração.*

FATALIDADE

*Não sei porque. Tanta gente
vida afóra me quíz bem...
E eu passei indiferente
sem me prender a ninguém.*

*Hoje, se acaso estás perto,
sinto tremer minha mão.
Se tenho o peito deserto
porque tanta comoção?*

*Fugí de muitos amores,
feliz de ser livre assim,
mas se agora tú te fores,
que será feito de mim?*

*Que será desta ternura
que floresceu em surdina?
Felicidade não dura,
sei disso desde menina.*

*Vém e vai, se evóla no ar
sem que a possamos reter.
Vês? Já começo a chorar,
só de aflita imaginar
que um dia te hei de perder.*

*Sofro, quem sabe? o castigo
que a outros antes inflingí.
Fui má, confesso comigo.
Mas como lhes dar abrigo,
se eu esperava por tí?*

*E o céu em justa vingança,
botando-te hoje a meu lado,
quís que eu soubesse a pujança
de um amor sem esperança,
de um pobre amor condenado.*

*E só agora avalio
o mal que fiz, não o esqueço.
Quanto remorso tardio
a vida em seu desvario
cobra depois por que preço!*

*Porém, mais pagára, eu juro,
se em troca a vida me desse
a luz que a tantos aquece.
Meu caminho é tão escuro!*

*Por certo há uma fôrça ruim
que torna os desejos vãos,
comigo tem sido assim —
— varia a sorte entre irmãos.
E hás de afastar-te de mim
levado por outras mãos...*

DESAJUSTE

*Deus que te fez o coração de gélido,
fez de chamas o meu.*

*De que serve, porém, assim mantê-lo
se ele não pode agasalhar o teu?*

VENDAVAL

*A gente quando acorda para a vida,
não conhece aflições, prantos, nem dores.
A existência é uma estrada entretecida
de promessas e flores.*

*E confiante, serena o olhar risonho,
caminha sem receio. E porque não?
À nossa volta desabrocha o sonho
e em sonhos desabrocha o coração.*

*Dentro de nós um roseiral floresce.
E' claro o dia, alegre, promissor.
Uma coisa qualquer nos entenece . . .
Aproxima-se o amor.*

*E vem e muda tudo! Faz mais linda
a vida para nós. Louco artifício!
Presas do seu poder, tontas ainda,
eis que exige tributos, sacrifício.*

*A tudo a gente cede, alegre e mansa,
feliz de ser escrava de tal dono
e vida e coração, sonho, esperança,
tudo se dá num plácido abandono . . .*

*E o tempo passa. Vai ceifando cruel
as ilusões mais puras . . .
As flores do jardim, favos de mel,
reconditas ternuras.*

*Tudo éle leva. E o amor ante o extermínio,
medroso também foge, corre, vòa,
e o coração que fôra seu domínio,
abandonado e triste se esborôa . . .*

*E onde existiam mágicos rosais
desabrochados sob tantas luzes,
o olhar em pranto não divisa mais
que um punhado de cruces . . .*

UM DIA MAIOR

*E' dia de teus anos! Quanta cousa
eu hoje te diria,
se pudesse, afinal, falar contigo . . .
Dir-te-ia que a minha alma não repousa,
velando esta ternura noite e dia,
ternura que é meu bem e meu castigo.*

*Mas que importa? De flores ou de espinhos,
trilho sem mágua a estrada que escolhi.
Não me tentam, confesso, outros caminhos
se me levam de ti . . .*

*E suavemente como quem derrama
diante de Deus o coração em prece,
diante de ti, meu coração que te ama,
todo inteiro, sem bulha, se oferece.*

*Louca e estranha oferenda! Distraídos,
os teus olhos me fitam sem me ver . . .
E a minha voz roçando os teus ouvidos,
dilue-se entre outras vozes e outros ruídos
sem que, aí de mim, a queiras entender.*

HERANÇA

*Esta tristeza sentida
é tudo quanto na vida
hoje tenho: o mais perdi.
Guardo-a com ciume e carinho
que em meu deserto caminho
é ainda um pouco de ti...*

COQUETTERIE

*Dizem que foi na França que nasceu
e não se engana quem assim disser...
Lá brotou e atingiu todo o apogeu,
no século que o mundo conheceu
como sendo o reinado da mulher.*

*O século dezoito. Foi ali,
naquela côrte frívola e empoadada
onde a mulher gracil e cortejada
era uma rosa e o amor um colibri,
que entre rendas nasceu a "coquetterie".*

*A beleza imperava. E os corações
derramavam-se loucos a seus pés;
e os galanteios vinham às porções,
tímidos ou vibrantes de paixões,
perigosos como a água das marés.*

*E a êsse ataque, imprevisível quasi,
era mistér viver de sobreaviso;
E encouraçada de veludo e gaze,
a mulher emboscada sob a frase,
batalhava e vencia com o sorriso...*

*O enamorado vêm e se declara.
Ela finge aceitar mas não o quer.
Outro surge depois, ela os compara,
a ambos mantém com arte hábil e rara...
No fim... não quer nenhum... eis a mulher.*

*A mulher que promete e que se esquivava,
que não diz sim nem não.
E os corações mantém na alternativa,
até que um dia, por amor cativa,
entrega inteiro o próprio coração!*

CALVÁRIO

*"Fierté, j'ai plus aimé mon pauvre
cœur que toi"*

Marceline Desbordes-Valmore

*Aquí me tens de novo. Escuta: esquece
todo o mal que te fiz.
Atende à minha prece,
perdôa o amor que te não faz feliz!*

*Humilde, impresentido em teu caminho,
meu afeto te segue, lado a lado,
entregando-te todo o seu carinho
silencioso e ignorado.*

*Reconheço o meu crime. Reconheço
que a culpada sou eu — a sorte o quer—
Sinto que sofro mais do que mereço,
mas não me queixo: — apenas pago o preço
do tributo de amar e ser mulher.*

*Vês? Não te acuso. Se te falo agora,
é porque estou na treva e és minha luz.
Meu coração te implora!
Faze-o sofrer, mas não te vás embora,
se é cruz o teu amor, bendita cruz!*

O IMPOSSÍVEL CONSOLO

*Debrucei-me à janela distraída,
fugindo do calor dentro da sala.
Vinha da praia há pouco adormecida,
a cadência monótona e querida,
que embala a areia e os corações embala.*

*A brisa leve acariciou-me o rosto,
revolveu-me os cabelos, me envolveu...
Haveria na terra algum desgosto
que se pudesse comparar ao meu?!*

*Alí diante da noite indiferente,
longe de todo olhar,
eu podia finalmente
chorar . . .*

*Chorar não de saudade, que inda é dóce
o pranto que a saudade faz correr . . .
Antes fôsse a saudade, ah! antes fôsse
quem assim me fazia padecer.*

*Saudade é a evocação amarga e terna
de um bem que se viveu;
é a lembrança que a gente não externa
e se conserva eterna,
quando tudo morreu.*

*Não, nem êsse consôlo me foi dado . . .
Hoje estou só, mais só do que vivi.
O coração traído, estraçalhado,
por tantas falsidades imolado,
nem têm direito de chorar por tí . . .*

LUZ QUE DESAPARECE

*Enganei-me, perdôa, não te quero.
E só Deus sabe, amor, quanto te quís!
Daquí pressinto o teu olhar severo.
Não me acovardo nem me desespero:
todos buscam na vida ser feliz.*

*E ao pé de tí, responde, que ventura
poderia caber-me na partilha?
Ignorado e perdido na planura
de uma longa existência sem ternura
o amor, em vez de enaltecer, humilha.*

*Já não treme na tua a minha mão;
o meu olhar já não procura o teu;
já não bate por tí meu coração.
Então, não vês que todo esforço é vão
para acordar o afeto que morreu?*

*Não protestes. Quem sabe sou culpada?
Confiante repousei no teu carinho.
Longe de tí não existia nada.
E a alma serena, em sonhos mergulhada,
prosseguia feliz o meu caminho.*

*Aflita, de-repente, despertei
tendo os olhos abertos para a vida.
E o amor que fôra a minha fôrça e lei,
que governára só, que fôra rei,
começava a descida.*

*Somos ambos culpados. Quem diria
que entre nós dois ia acabar assim,
êsse romance que ninguém sabia,
que o silêncio guardava e protegia
para o nosso mais lírico festim.*

*Tú e eu temos queixas. Hoje é tarde.
O tempo que passou não volta atrás.
O amor é como a chama: esplende e arde
mas ao mínimo sôpro se desfáz...*

PAZES

*Fiquei com raiva do mar.
A raiva agora acabou-se.
Era injusto continuar
tendo essa raiva do mar,
se êle de novo te trouxe...*

SÓ

*Foi preciso a quietude da montanha,
foi preciso o silêncio da amplidão,
para eu sentir — com que surpresa estranha! —
como é profunda, Céus, como é tamanha
a dôr da solidão.*

*Aquí, longe da bulha da cidade
que tonteia e atordôa, é diferente.
Diante da paz que vêm da imensidade,
ouve-se muito mais, dentro da gente!*

*Ouve-se muito mais! Com que aflição,
com que íntimo arrepio!
Ouve-se palpar o coração
como passos num grande casarão
assombrado e vasio.*

*Hoje compreendo essa fadiga imensa
que me cerca e aniquila;
essa íntima descrença,
tôda a amargura tácita, tranquila
que cedo encheu de sombras meu caminho,
já não duvido mais: sei de onde vêm...*

*Róla agora a meu pés, vasio, um ninho,
vasio sem ninguém.*

*Dentro de mim, em pranto, ermo, sòzinho,
róla, vasio, o coração também...*

REVOLTA

*Não! Por tal preço amor não tem valia!
Amor que exige não é mais amor.
Se o teu só teve a duração de um dia,
o meu trago-o comigo aberto em flor...*

*O meu... São formas de dizer: perdôa.
Como pode ser meu se o dei a ti?!
E enquanto a minha volta se esborôa
o sonho que sonhei e que perdi;
êle que me alentava o coração,
ficou mais forte diante da amargura.*

*Amparou-me na imensa solidão
mais vasia, mais triste, mais escura
depois que se apagou a chama viva
do teu amor que acreditei ser meu.
Amor que aprisionou minha alma esquiva
que já tantos enganos conheceu. . .*

*E' destino, talvez. Eu que fugí
de outros afetos pelo meu caminho,
fui entregar meu coração a ti,
que és quasi indiferente ao meu carinho.*

*Não, não quero que fiques a meu lado.
Nada exige de ti meu querer bem.
Todos pagam na vida algum pecado,
deixa que eu pague pelo meu também.*

*Deixa que eu pague por amar-te tanto.
Que importa onde o destino me conduz?
O pranto és tu: seja bendito o pranto.
A sombra es tu: seja maldita a luz!*

DUALIDADE

*Tôda a vida trás consigo
uma vida diferente:
a vida que a gente vive
e a vida que a gente sente.*

JARDIM SECRETO

*Voltar por essas bandas? Não, não creias.
Não me verão de novo por aqui,
essas estradas verdejantes, cheias
do sonho mais bonito que vivi.*

*Tarde serena, céu azul, doirado
de leve pelo sol que se escondia...
tu e eu lado a lado,
teu braço no meu braço entrelaçado...
Como posso esquecer-me dêsse dia?!*

*E é para conservá-lo, assim, radioso,
intangível, perfeito, sem senão,
que não quero rever o atalho umbroso,
nem palmilhar de novo aquêlo chão.*

*Foi bonito demais e tenho medo;
medo de que outra vez ali voltando,
não encontre na sombra do arvoredo,
nem no rumor das águas borbulhando,*

*o encantamento bom, sem restrições,
daquela tarde de magia e côr:
juntos pulsavam nossos corações,
enlevados de fé, cheios de amor.*

*Bem vês, não é possível, não, não posso
voltar de novo por ali, nem quero.
Hoje o presente é teu, ontem foi nosso,
ontem me basta, nada mais espero.*

*Porém rever ainda aquela estrada,
passear naqueles sítios outra vez?
Onde, feliz, eu me sentí amada
como nunca, talvez?*

*Ah! Não me peças tanto. Deixa quieto
êsse céu que em meu peito se insinúa.
Pede-me o que quizeres, tudo, exceto
que eu te abra mão dêsse jardim secreto
onde a lembrança que floresce é tua.*

CANTIGA

*Nada me trouxe êsse amor.
Chegou-me de mãos vazias.
E todo aquêlê esplendor
de luzes e pedrarias
era, enfim, meu próprio amor
que sem querer refletias . . .*

*E nêsse engano doirado
passei meses te querendo,
até que um dia, coitado,
o coração fatigado
por êsse esforço estupendo
emudeceu a teu lado.*

*E tudo perdeu a fala
e tudo perdeu a voz.
E os sonhos, roupas de gala,
fugiram longe de nós.
O coração quando cala,
o seu silêncio é feroz.*

*Hoje, sem mágua ou despeito,
rememoro o que passou.
E dêsse sonho desfeito,
no meu peito
nem a saudade ficou.*

*Tudo se foi na corrente
fria, impassível, sem dó.
E assim a vida da gente
que começára contente,
termina só...*

ENCRUZILHADA

*Aquí, baixinho, que ninguém me escuta
deixa que hoje extravase a minha dor!
Castigada e vencida pela luta,
longe do teu olhar que o meu perscruta,
que eu possa, enfim, chamar-te: meu amor.*

*Sei que não devo. Sei que é quasi um crime
êste afeto que trêmula agasalho.*

Tôda culpa de amor, amor redime?

*Há cousas que a linguagem não exprime:
à flor cortada de que serve o orvalho?*

*De que serve dizer a sós comigo
essas duas palavras proibidas?*

*Sentir e silenciar: eis o castigo
a que diante de ti me imponho e obrigo
para afastar assim as nossas vidas.*

*E no silêncio em que me envolvo quieta,
 fingindo ouvir-te indiferentemente,
 escondo a teu olhar, triste e discreta,
tôda a amargura deste amor fremente.*

*Hoje, porém, não posso mais. Transborda
de dentro em mim essa cruel loucura.
E tenho a sensação confusa, obscura,
de minha alma que acorda!*

*E a teus olhos que buscam nos meus olhos
uma resposta boa,
se encontram simplesmente mais abrolhos,
perdôa.*

*Perdôa e segue só. Segue sôzinho
esquecido de tudo o que me dizes:
o destino fechou-nos o caminho
dos corações felizes.*

SÉDE QUE MATA

*Não me fales de amor. Que mal te fiz?
A teu lado passei devagarinho.
Foi um traço levíssimo de giz
o rastro que deixei em teu caminho.*

*Não me digas palavras de ternura.
Porque falar em vão?
A noite fica muito mais escura
se a retalha um clarão.*

*Não, não fales de amor frivolamente,
pelo efêmero gôzo de falar,
como quem solta à tóa uma semente
rara pelo ar . . .*

*Ouve: é pecado, é crime, é covardia,
ao que morre de sede no deserto,
mostrar-lhe ao longe a linfa clara e fria
e escondê-la depois quando êle chega perto.*

*Sina, porém, mais negra e desgraçada
é a do que atinge a meta apeteçada
e encontra a morte onde buscára a vida
— que a água da fonte estava envenenada!*

DOIS DESTINOS

*As nossas vidas, em breve,
terão que se separar:
a tua pena é tão leve,
tão fácil de carregár!*

*Só a minha ninguém há de
saber-lhe o pêso; só eu:
— têm o pêso da saudade
de tôda a felicidade
que o teu carinho me deu.*

HINO AO CREADOR

*Se creio em Deus? Mas creio firmemente,
por tudo o que há de belo sôbre a terra
e que palpita e sente.
Pelos pássaros livres nas campinas,
pelo brilho do sol que a vida encerra,
pelas águas que correm cristalinas
e pelo oceano que arrebatá e aterrá!*

*Pela festa cheirosa das manhãs,
pela selva sombria,
pelas estrelas, fúlgidas irmãs
da noite, mais piedosa do que o dia.*

*Por tudo creio em Deus! Pela grandeza
que o meu olhar abrange deslumbrado.
Pela opulência dessa natureza
que distribuí igual tanta beleza
para o feliz e para o desgraçado.*

*Por tudo creio em Deus! Não há linguagem
que explique o inexplicável. Como é pobre
a palavra da gente,
quando se quer dizer tudo o que sente!
E' como se o roçar leve da aragem
quisesse ter a força do tufão,
que arrasta a pedra que os sepulcros cobre
e a derruba no chão. . .*

*Sei apenas que creio! E não houvesse
tudo o que existe e que minha alma cré,
o meu lábio teria inda uma prece
de ternura e de fé. Tudo faltasse
de quanto o meu olhar confiante vê
e eu lhe diria ainda, face a face,
muito baixinho como se rezasse:
— “Creio em Deus, meu amor, porque existe você” . . .*

SORTILÉGIO

*Vou para o teu amor de alma serena,
eu que sempre fui tímida, hesitante.
Para êste afeto que a razão condena,
que me trás tanta mágoa e tanta pena,
guardo no peito um coração amante.*

*Não luto mais. Cansei. Dia após dia
fugí do sortilégio dêste amor.*

*E quanto mais lutava eu te queria,
e ao teu olhar que, terno, me envolvia,
que forças, santo Deus ,podia opor?*

*Foi mais forte do que eu. Hoje, admirada
vejo por terra o meu orgulho vão.*

*Dele o que resta? Já não resta nada.
E a minha vida inteira transformada
é tôda coração.*

*O que virá depois não sei. Submissa,
curvo a cabeça ao que o destino quis.
Com armas desiguais perdi na liça,
bendizendo a inclemência da justiça
e esta derrota que me faz feliz.*

A SAUDADE MAIOR

*Tóda a saudada na vida
é uma esperança perdida,
uma perdida alegria
que o tempo assim transformou.
Mas há saudades, no entanto,
que causam mais dor, mais pranto:
— foi um bem que se queria
e a mão jamais alcançou.*

ALTIVEZ

*Se já não te é mais nada o meu carinho,
não fiques. Para que? Vês? Não te prendo.
Retoma, sem remorso o teu caminho,
— o mesmo que te trouxe a mim correndo.*

*Não te quero infeliz nem constrangido
procurando enganar-me. Com que fim?
Repetindo, sem côr, ao meu ouvido,
frases que foram tudo para mim.*

*Parte. Talvez encontres n'outro peito
não um amor tão grande, tão perfeito,
talvez felicidade...*

*Tenho orgulho também e não aceito
que me dês por esmola e caridade
o que é meu por direito.*

*Agora vais entrar no meu passado
tú que inda tens na minha a tua mão;
— Que importa o coração despedaçado?
Se por amor não ficas a meu lado,
não te quero também por gratidão!*

HUMILDE PRECE

*Quando os anos passarem e à tua alma
eu já mais nada for,
talvez recordes, numa noite calma
o que foi nosso amor.*

*Êste amor que não sabes, não conheces,
que imaginas talvez,
êste amor que ilumina as minhas preces,
êste amor que não crês;*

*êste amor que hoje é tudo e será nada,
que vive como um réu
sabendo ter a vida condenada
e ainda espera o céu;*

*que existe contra tudo o que a razão
manda e condena,
amor que me avassala o coração
— crime consciente, crime sem perdão —
que é ventura, e castigo, pranto e pena.*

*E tu que nem suspeitas do que existe
atrás do meu olhar que foge ao teu,
hás de ignorar o meu silêncio triste
e a ternura que inútil floreceu.*

*E sorrirás lembrando como eu lembro
aquela tarde suave de setembro
e o passeio na estrada entre o arvoredor
em que tudo dizia — esquece e vive —
e eu não tive coragem, não, não tive,
guardei o meu segredo.*

*Um dia, eu sei, tu sorrirás lembrando
o que fui em tua vida — breve espuma
que a gente pensa aprisionar e quando
olha nas mãos, não tem cousa nenhuma.*

*Não faz mal. Pelo crime de querer-te
êsse é o castigo
ouvir-te a voz, talvez falar-te e ver-te
é o supremo refúgio onde me abriço*

.....

*Se um outro amor tiveres algum dia,
— é natural que isso aconteça, eu sei —
Peço-te por Jesus e por Maria,
não ostentes, amor, tua alegria
por essa mesma estrada verde e fria
onde contigo andei. . .*

A DIVINA LOUCURA

*Eu bem sabia, sim, que era loucura,
alimentar de sonhos êsse amor:
— estrela inacessível — que fulgura
na noite escura
do meu céu interior.*

*Era loucura, sim, mas que importava,
si nêsse desvario da razão,
o coração, feliz, se deleitava. . .
e é tão raro agradar o coração!*

*Ah! Bendita loucura que me fez
sentir o céu na terra ingrata e má!
E sorver de uma vez
uma felicidade que, talvez,
não se repetirá.*

*Póde, agora, o destino indiferente
separar nossas vidas,
mas no futuro como no presente
através da lembrança que não mente,
continuarão unidas.*

*Nada mais neste instante poderia
conservar-me a teu lado.
E as horas de alegria
que me encheram de sol a alma vazia,
hoje pertencem tôdas ao passado.*

*No entanto, bem no fundo da memória,
mas da memória fiel do coração,
há de ficar gravada a nossa história:
— um sonho, uma batalha, uma vitória,
a renúncia e o perdão.*

COFRE DE SUPLÍCIOS

*Tôda a tristeza perdida
por aí,
tenho a impressão comovida,
se hoje fito a minha vida,
que essa tristeza acolhi.*

*A dor queria um abrigo,
foi então,
que se encontrando comigo
por meu mal e meu castigo
fêz casa em meu coração.*

A ÚLTIMA PROVA

*Contra tudo eu lutára, já te disse.
Contra todos também, sem restrição;
mas que na luta, entendes? eu sentisse
bater junto do meu teu coração.*

*Mas lutar contra tí?! E' diferente.
Faltam-me as fôrças, juro-te, não posso.
Sinto-me só, desamparada, doente,
ao ver que de-repente,
se esborôa êste sonho que foi nosso.*

*Foi nosso! Durou pouco mas foi nosso.
Um minuto integrou as nossas vidas
e as manteve tão juntas, tão unidas,
que hoje, ao vê-las partidas,
quizera conformar-me, mas não posso.*

*Perdôa, sou egoísta. Penso apenas
no que sofro e afinal que culpa tens?
O teu amor me deu horas serenas,
me cumulou de bens.*

*Foi sincero ao falar que me queria.
Acreditei, bem vês, a culpa é minha.
Mas, quem, sentindo, assim, a alma sòzinha,
não acolhe, feliz, uma alegria?*

*Hoje, talvez, tú creias neste afeto
que inteiro te entreguei.
Nem acharás um outro tão completo,
eu sei.*

*A prova dêste amor, a última prova,
a maior entre tantas que te dei,
é desejar-te na existência nova
onde não entrarei,
ventura igual à que me deste. (E' duro
falar-se assim de um bem que se viveu. . .)
Mas se fôres feliz em teu futuro,
esta felicidade, ouve, eu te juro,
foi meu amor ainda que te deu.*

EU E VOCÊ

*Tudo o que a vida me deu,
tirou-me logo depois.
Hoje só tenho de meu
êste amor que floresceu
acorrentando nós dois.*

*Corrente que ninguém sabe,
corrente que ninguém vê.
Meu Deus! Que nunca se acabe
o amor que sinto em você!*

*Longe dos olhos profanos,
da inveja da multidão,
que eu veja passar os anos
não sentindo os desenganos,
levada por tua mão.*

*Viví sem pouso e sem rumo,
não me deixava prender.
O amor era apenas fumo,
nunca me poudes aquecer.*

*Nunca, sim, até que um dia,
como êsse instante bemdigo!
Dêle me veio a alegria
por quem tudo aceitaria:
remorso, pranto, castigo...*

*Permita o céu que a tristeza
não queira saber de nós...
E que a divina certeza
dê à afeição mais firmeza
e nunca nos deixe sós...*

DÁDIVA OBSCURA

*Não é amor simplesmente,
que te ofereço, meu bem.
Dá-se amor a tôda a gente:
é tão fácil querer bem.*

*Dou-te esta imensa ternura
que é renúncia e devoção.
Perdôa a dádiva obscura,
acolhe-a em teu coração.*

*Ela é feita de carinho,
que nunca foi de ninguém.
Floresce no teu caminho,
deixa-a viver de mansinho,
não a regeites também.*

*Não a regeites, cuidado.
Não a arremesses ao pó.
Que muito mais desgraçado
que um coração torturado,
é aquele que vive só.*

LIBERTAÇÃO

*São os mesmos os gestos e atitudes.
O olhar o mesmo e a inflexão da voz:
e com isso me iludo e tú te iludes,
mas só Deus sabe si mudamos nós...*

*O hábito, nosso companheiro antigo,
nos faz trilhar o mesmo atalho em vão.
— Vens a meu lado, mas não vens comigo
ném te pertence mais meu coração*

*Em lembrança talvês daqueles sonhos,
que ambos sonhamos loucos e felizes,
bendigo os dias breves mas risonhos
e as palavras de amor que já não dizes.*

*E hoje que lentamente se desfáz
êsse laço que tanto nos prendeu,
sinto uma enorme sensação de paz
a paz que o teu afeto não me deu.*

*A paz das coisas boas e perdidas,
que transforma em saudade a dor, o tédio,
os desencantamentos sem remédio
e cicatriza os golpes e as feridas.*

*Hoje sinto em minha alma essa quietude.
Para senti-la, vês? já ném me esforço.
E' preferível a franqueza rude:
quís enganar-te ainda, mas não pude.
Somos livres, adeus, vai sem remorso...*

O AMOR SE SUBSTITUÍ

*O amor se substituí. . .
Mas ser de novo o que fui
depois que te conheci,
nunca mais, juro-te até. . .
Que não se vive sem fé
e foi a fé que eu perdi. . .*

F I M

*Não me magôa ter chegado ao fim
êste amor que foi todo o nosso encanto.
E' a vida, eu sei, e a vida é sempre assim:
— o pranto, o riso e novamente o pranto. . .*

*Se algum sonho radioso floresceu
e raízes deitou numa alma irmã
— seja nobre ou plebeu —
para quem tal ventura aconteceu
há de pagar com juros amanhã.*

*Êsse amanhã gelado e inexorável
que caminha sem pressa, na certeza
de que a vida, feliz ou miserável,
é sua presa.*

*Para nós dois também ele viria,
êsse cruel amanhã que não perdôa;
e após os lindos dias, eis o dia
em que tôda a ventura se esborôa.*

*Poupemo-nos, porém, nessa hora extrema
as palavras ruins, o tom mordaz . . .
Que cada qual soluce, sofra e trema,
sem proferir a frase que blasfema
pelo passado que ficou atrás.*

MILAGRE

*Será amor? Eu não sei, esta ansiedade,
êste desejo louco de estar perto
e na ausência, depois, esta saudade
e a sensação que tudo está deserto.*

*Será amor, esta angústia que me trás
de olhos insones pela noite à fóra?
Sonhos que um coração faz e desfaz
entre as trevas da noite e a luz da aurora?*

*Ai! Quem me déra fôsse amor, quem dera
ver, afinal, cativa, acorrentada,
esta alma que não crê, que não espera
mais nada.*

*Quem dera vê-la prêsa e enfim vencida,
dar-se inteira, feliz, ao vencedor!
E num suave milagre em minha vida,
sentí-la, pobre planta ressequida,
de novo abrir em flor!*

BAHIA

*Salve Bahia! E' lá possível
vê-la diversa do que a ví?! Não creio.
Talvês que um coração menos sensível,
vindo de um outro céu, de um outro meio,
talvês a visse bem melhor do que eu:
mas sentí-la mais fundo, ah! isso não!
Se o que o olhar abrangêu,
a cabeça nem tudo compreendeu,
compreendeu com fartura o coração!*

*Pela janela do meu quarto, aberta
de par em par sôbre a paisagem rica,
vejo ao longe o Bomfim na luz incerta
da manhã que desperta
e, distante, no mar, Itaparica.*

*No pôrto, todos brancos e juntinhos,
os veleiros se agitam, vão zarpar.
Vistos do alto parecem passarinhos
desertando os ninhos
procurando o mar.*

*E o Forte São Marcelo, abandonado,
reliquia silenciosa de um passado
de lutas e vitórias, hoje assiste
ao vai-vem de navios e barças,
levando sonhos, misturando raças. . .
Poupou-o o tempo ou éle é que resiste? . . .*

.....

*Igrejas da Bahia! Relicários
conservando através de tempos vários,
viva, de pé, a história do Brasil!
E os anos que destróem e consomem,
se derrubaram sem clemência o homem,
foram, nas suas obras, o buril.*

*Praias de Salvador, praias imensas,
que assistiram combates, desavenças,
e vitórias por fim. Perto um farol.
Amaralina, Barra, Itapoã
dos coqueirais tão verdes de manhã
no doirado festim da luz do sol!*

*Em tudo, em todo o bairro, em todo o canto:
nas ruelas estreitas, nas ladeiras,
em tudo o mesmo evocativo encanto
das primícias das terras brasileiras.*

*Trouxe comigo o coração aberto
e só com ele é que fui ver de perto
essa Bahia tão cantada já:
outros a exaltem com mais força e arte,
bem o merece que, de minha parte,
tamanha pretensão, juro, não há...*

*Quando Jesus nasceu, de todo o lado
vieram vê-lo e o mundo prosternado
entregou-lhe presentes.
Os reis deram-lhe mirra, incenso e ouro,
os pobres, não possuindo tal tesouro,
deram-lhe apenas seu amor de crentes.*

*Neste Natal tão caro a todos nós,
no Natal da Bahia, onde veloz
o Brasil se firmou,
todos lhe trazem ouro, mirra e incenso...
A minha prenda é pequenina, penso,
mas é tudo o que tenho e tudo dou.*

*E' esta ternura imensa e comovida
é a alma agradecida
pelo bem inconsciente que me fez
essa terra baiana;
talvés volte a revê-la, sim, talvez,
nunca, porém, como a primeira vez,
em que ela para as festas se engalana.*

*E tudo passa. Em breve passarão
êstes dias também. Outros virão
e mais outros depois, a vida é assim...
um contínuo findar e um recomêço:
hei de lembrar-te até o fim.
Bahia eu sei que nunca mais te esqueço.
Tú, ao contrário, esquecerás de mim...*

ÍNDICE

Papai	7
Mês de Maio	13
Medo	16
O encanto da serra	18
Rosas vermelhas	21
Só nós dois	22
N'um album de recordações	24
Sonho ao luar	27
A terrível certeza	30
À tua espera	31
Doce penitência	33
Ciúme	35
Cantares	36
Resignação	39
Um sonho apenas	41
Juramento	43
Porquê	45
Ferrete	47
Nossos destinos	48
Pergunta vã	51
Renúncia	52
Paradoxo	54
Amanhã	55
Fatalidade	57
Desajuste	60
Vendaval	61
Um dia maior	64
Herança	66
Coquetterie	67
Calvário	69

O impossível consolo.....	71
Luz que desaparece.....	73
Pazes	76
Só	77
Revolta	79
Dualidade	81
Jardim secreto	82
Cantiga	85
Encruzilhada	87
Sêde que mata.....	90
Dois destinos	92
Hino ao Creador.....	93
Sortilégio	96
A saudade maior.....	98
Altivez	99
Humilde perce	101
A divina loucura.....	106
A última prova	107
Eu e você.....	110
Dádiva obscura	112
Libertação	114
O amor se substituí.....	116
Fim	117
Milagre	119
Bahia	121